



# CORÍNTIOS PARA VOCÊ!

**EXPOSIÇÃO DA CARTA AOS CORÍNTIOS**

**2º CARTA**

**AULA III: Capítulo 4 e 5**

**Prof. Eliel Queres Santana**

## INTRODUÇÃO

No final do capítulo 3 o apóstolo Paulo falou sobre a nova aliança. Combatendo os falsos apóstolos com tendências judaizantes, mostrou como ela é superior à antiga aliança. Agora, no capítulo 4, Paulo apresenta-se como ministro dessa nova aliança, e segue combatendo as falsas acusações que eram realizadas contra ele em Corinto. Dentre as acusações de seus inimigos, estava a de que ele havia adulterado a mensagem do Evangelho, utilizando-se de astúcia e engano. Paulo começa a se defender, porém, a sua defesa não é meramente a defesa de seu próprio ministério, senão, defesa da verdade do Evangelho entre os coríntios. Paulo queria que a igreja se mantivesse unida em torno das Sagradas Escrituras, e para isso, eles deveriam estar atentos com aqueles que realmente distorciam a Palavra.

### A MISERICÓRDIA DE DEUS

#### v.1

“Portanto, visto que Deus, em sua misericórdia, nos deu a tarefa de ministrar nesse novo sistema, nunca desistimos.” (2Co 4:1, NVT)

O apóstolo Paulo estava falando no capítulo anterior sobre o quão glorioso é a nova aliança, e agora no capítulo 4, nos mostra que recebeu o privilégio de ser ministro (*diakonia*) deste novo sistema. Ele destaca no versículo 1 a causa dele e de seus companheiros (como Tito e Timóteo) serem ministros da nova aliança: a misericórdia de Deus.

As misericórdias do Senhor são as causas de não sermos consumidos (Jr. 3:22), e através dela também somos vocacionados à sua obra. Isso implica dizer que não recebemos um chamado ministerial de Deus por causas meritórias. O próprio profeta Jeremias foi separado para ser profeta de Deus ainda na barriga da sua mãe, antes que pudesse existir para fazer bem ou mal, antes que pudesse fazer algo para merecer, Deus já o havia designado para ser o seu instrumento no meio de seu povo. Hernandes Dias Lopes lembra que o chamado ministerial de Paulo não foi por méritos humanos, e sim pela sua misericórdia, pois o próprio apóstolo era perseguidor da Igreja de Cristo. O que ele merecia era castigo, mas ao invés disso, recebeu perdão e a oportunidade de se tornar ministro da nova aliança.

A causa do ministério (a misericórdia de Deus) também é o motivo que leva o apóstolo e seus companheiros a nunca desistir. Ele diz: “nunca desistimos.” A palavra grega utilizada por Paulo para “desistimos” ou “desfalecemos” é *egkakoumen* que significa “perder a coragem, desfalecer, desanimar”. Segundo Hernandes Dias Lopes, traz uma conotação de

covardia e de “coração mole”. Segundo Simon Kistemaker tem a ver com cansaço espiritual, e não com fadiga física. De fato, vemos que no ministério do apóstolo Paulo, não havia espaço para cansaço espiritual e perda de coragem. Pelo contrário, quanto maiores as perseguições e as aflições, mais coragem e mais ânimo se via, não só em Paulo, mas nos apóstolos (At. 5:41) e nos cristãos (Mt. 5:10).

## DEFENDENDO A VERDADE

### v.2

“Rejeitamos todos os atos vergonhosos e métodos dissimulados. Não procuramos enganar ninguém nem distorcemos a Palavra de Deus, e todos que são honestos sabem disso.” (2Co 4:2, NVT).

Os inimigos de Paulo faziam acusações fortes e pesadas. Ao dizer, no versículo 2 que não se utiliza de atos vergonhosos e nem de métodos dissimulados, somos levados a crer que era exatamente isso que os inimigos de Paulo falavam sobre ele. Além disso, o apóstolo fala que não distorce a Palavra de Deus, nos levando a crer que os seus acusadores anunciavam a igreja de Corinto que Paulo era um farsante, que adulterava a Palavra de Deus, um completo herege. Ao se defender, Paulo não está apenas defendendo o seu ministério, mas está defendendo a verdade, e mostrando aos fiéis que deveriam ter cuidado com os que realmente eram farsantes e adulteradores da Palavra. Outras versões dizem que eles não estão “andando com astúcia” nem “adulterando a Palavra de Deus”. A palavra traduzida como astúcia é *panourgia*, refere-se a uma habilidade e uma sabedoria, no entanto, utilizada para o mal. Como a que a serpente usou no jardim do Éden. Isso nos faz lembrar dos primeiros capítulos de 1 Coríntios, onde vimos que o apóstolo Paulo abriu mão de utilizar-se de linguagens persuasivas e humanas, como fazia os oradores daquele tempo. Com isso, o apóstolo e seus companheiros não adulteravam a Palavra, isto é, *doloo*, que se refere a diluição do vinho na água. Portanto, Paulo defende-se dizendo que não usa de astúcia e nem que adultera a Palavra.

## ENXERGANDO A VERDADE

### v. 3 e 4

“O deus deste mundo cegou a mente dos que não creem, para que não consigam ver a luz das boas-novas, não entendendo esta mensagem a respeito da glória de Cristo, que é a imagem de Deus.” (2 Co 4:4, NVT)

“Pois Deus, que disse: “Haja luz na escuridão”, é quem brilhou em nosso coração, para que conhecêssemos a glória de Deus na face de Jesus Cristo.” (2 Co 4:6, NVT)

Ainda referindo-se aos seus acusadores, Paulo mostra que o Evangelho que ele prega não pode ser compreendido por eles. Retomando a figura do véu (C.3 V.14) Paulo mostra que é como se o Evangelho pregado por ele estivesse coberto com um véu para aqueles que se perdem, sendo assim, eles não podem enxergá-lo. O motivo desse véu estar posto naqueles que não crêem é porque o “deus deste mundo cegou a mente dos que não crêem”. Por mais que a luz do Evangelho de Cristo brilhasse, de nada adiantava para os que eram cegos. Aqui podemos identificar a realidade da ação do diabo no mundo, e sua interferência na mente das pessoas, obscurecendo seu intelecto. A palavra usada por Paulo traduzida por “cegou” é, no grego, *tuphloo*, que pode ser usado no sentido metafórico de “cegar a mente”.

Entretanto, no versículo 6, somos introduzidos a uma verdade: todos nós nascemos com a mente obscurecida. Não poderíamos enxergar a verdade de Deus se Ele mesmo não tivesse dito “Haja luz” dentro de cada um de nossos corações. Ele fez de nós a sua criação, brilhando em nosso interior.

## A PREGAÇÃO DO EVANGELHO

### v. 5 e 7

No versículo 5, e do 7 ao 14, temos algumas lições importantes sobre a pregação do Evangelho. Primeiramente, no versículo 5, o apóstolo Paulo fala que a sua pregação não foi para falar de si mesmo, mas para falar de Cristo. A pregação do Evangelho tem como foco principal a figura de Jesus. Infelizmente, muitos pregadores gostam de falar de si mesmos e de suas próprias vidas. Mas a pregação do Evangelho é sempre sobre Cristo. A pregação parte de um determinado ponto específico e de lá corre diretamente para a mensagem da cruz. No caso de Paulo em Atenas, ele partiu de um assunto relacionado à cultura local, o panteão grego, para dali correr direto para a cruz (At. 17-22). No caso de Estevão, foi da própria história israelita, começando de Abraão, e de lá correu todo o seu discurso em direção à cruz. (At. 7-2)

Corroborando com o versículo 5, o apóstolo Paulo diz no versículo 7 que a pregação deste Evangelho é como tesouro em vasos de barro. Ou seja, a glória, poder e majestade, não está no portador, não somos nós, mas sim o que está em nós, o que mora na gente. Pedro sabia disso quando disse ao paralítico da porta formosa: “Não tenho prata nem ouro,

mas lhe dou o que tenho. Em nome de Jesus Cristo, o nazareno, levanta-se e ande!” (At. 3:6). Para Hernandes Dias Lopes a idéia dessa passagem é a de que: “o tesouro valioso é contido em recipientes frágeis e sem valor.” Dito isso, somos valiosos ou não temos valor algum? Hernandes Dias Lopes explica que os vasos de barro eram baratos e frágeis, sendo assim, não possuíam um valor considerável. Entretanto, entendemos que se um vaso possui tesouro, ele vai possuir mais valor do que um vaso vazio. W. W. Wiersbe diz exatamente que é “o tesouro dentro do vaso que lhe dá seu valor.”

## AS MARCAS DO MINISTÉRIO

### v. 8 ao 11

Nos versículos 8 ao 11, o apóstolo volta a falar sobre as lutas e aflições que sofre por amor a Cristo. Nesse momento, alguém poderia interrogar: “Por que ele começa a falar de suas aflições se logo no versículo 5 disse que sua pregação não consistia em falar de si mesmo?” É simples, basta entendermos que Paulo não está aqui, nesse trecho, pregando o Evangelho, ele está conversando com seus irmãos. Lembre-se de que esta carta é a mais autobiográfica do apóstolo, e é claro que em sua autobiografia ele vai contar sobre suas lutas. O que não pode ser feito é tornar a pregação do evangelho em uma autobiografia.

“De todos os lados somos pressionados, mas não desanimados; ficamos perplexos, mas não desesperados; somos perseguidos, mas não abandonados; abatidos, mas não destruídos. Trazemos sempre em nosso corpo o morrer de Jesus, para que a vida de Jesus também seja revelada em nosso corpo. Pois nós, que estamos vivos, somos sempre entregues à morte por amor a Jesus, para que a sua vida também se manifeste em nosso corpo mortal.” (2 Co 4:8-11)

O cristão passa por lutas e provações, mas mesmo com todas as circunstâncias adversas, ele não perde. Pode ser enfraquecido, mas não perde suas forças, pois é Deus quem o fortalece. E, como vimos na aula passada, quanto maior a luta, maior o consolo e encorajamento derramado no coração. Como disse W. W. Wiersbe, a prova do verdadeiro ministério não está nas condecorações, mas nas escoriações.

## A CERTEZA DA VITÓRIA

### v. 16 a 18

John Piper escreveu um livro intitulado de “graça futura”, nele defende a ideia de que só podemos nos desvencilhar das coisas terrenas, olhando firmemente para as promessas de Cristo, olhando para o prêmio e para consolação que receberemos na Glória. Nesse trecho, o apóstolo Paulo mostra que era isso que ele tinha em mente. Ele sabia que as tribulações dessa vida não se comparavam à glória que estava por vir.

“Por isso não desanimamos. Embora exteriormente estejamos a desgastar-nos, interiormente estamos sendo renovados dia após dia, pois os nossos sofrimentos leves e momentâneos estão produzindo para nós uma glória eterna que pesa mais do que todos eles. Assim, fixamos os olhos, não naquilo que se vê, mas no que não se vê, pois o que se vê é transitório, mas o que não se vê é eterno.” (2 Co 4:16-18)

O cristão tem que fitar seus olhos naquilo que é eterno. Esse é um grande desafio, pois no mundo contemporâneo, vivemos dias acelerados, que não nos permitem meditar naquilo que realmente importa, e assim olhamos apenas para o que é passageiro e transitório. Temos que ter certeza da vitória, e só assim, poderemos encarar as adversidades dessa vida como Paulo encarou.

## ANSIANDO A HABITAÇÃO CELESTIAL

### Capítulo 5

No início deste capítulo, o apóstolo Paulo fala sobre o desejo que cada crente deve ter pela eternidade.

Sabemos que, quando nosso corpo terreno, esta tenda em que vivemos, se desfizer, teremos um corpo eterno, uma casa no céu feita para nós pelo próprio Deus, e não por mãos humanas. Na tenda terrena, gememos e desejamos ansiosamente nos vestir com nosso lar celestial, como se fosse uma roupa nova. (2 Co 5:1-2)

O apóstolo Paulo usa algumas figuras de linguagem. Para falar de nosso corpo físico ele refere-se a “tendas”. E ao nosso corpo glorificado, refere-se a um “edifício”. A diferença é que a tenda faz menção a uma morada temporária e o edifício a uma morada permanente. Nessa tenda, neste corpo mortal, gememos e sofremos, como ele diz no versículo 4. Porém,

temos o desejo de nos revestir desse novo corpo glorificado. Que corpo glorificado é este? É o corpo que teremos no céu, será um corpo ressurreto, semelhante ao de Cristo após a sua ressurreição. Paulo coloca isso como um desejo e um anseio do crente, bem como a sua motivação. Mas, o que garante isto tudo? Paulo responde no versículo 5 que ele nos deu o penhor do Espírito. A palavra “penhor” que Paulo usa no versículo 5 é “*arrabon*” e faz menção a uma garantia de uma compra, uma promessa de aquisição na qual parte do dinheiro já foi usado como entrada. Para William Barclay, *arrabon* é “a cota da vida por vir”. Portanto, conclui no versículo 6, podemos ter confiança de que essa não é a nossa habitação permanente, não estamos em nosso lar com o Senhor. Para termos essa firme convicção, porém, devemos viver por fé, e não por vista, como afirmado no versículo 7, o que nos lembra do versículo 18 do capítulo 4. Com base nessa confiança absoluta, o crente deve ansiar pela eternidade com o Pai, expresso no versículo 8.

### **NO TRIBUNAL DE CRISTO**

O cristão deve viver com a mente nos céus, mas com os pés na terra. Sabendo que todas as suas obras aqui serão manifestadas e reveladas no tribunal de Cristo. Mas, o que é esse tribunal se aqueles que estão em Cristo não receberão nenhuma condenação? Esse tribunal é para condenação dos ímpios, mas para os cristãos é lugar de recompensa e reconhecimento. Segundo o comentário bíblico de Genera, esse versículo nos ensina que haverá graus de galardão no céu, e que cada um vai receber segundo as suas obras.

A palavra que é usada para dizer que iremos “comparecer” ao tribunal de Cristo também pode ser traduzido como “revelado”, nesse sentido todo o caráter de nossas ações, nossas reais motivações serão expostas. Ao mesmo tempo que devemos ter temor diante disso (como falará o versículo 11), devemos também ansiar pelo tribunal de Cristo, pois ele será perfeito e executará juízo, o que não vemos acontecer na terra!

No versículo 11, Paulo mostra que o caminho é o temor! Se Deus conhece nossos corações devemos reavaliar não só as nossas atitudes, mas também as motivações de nossas ações. Pois bem pode ser que determinadas atitudes sejam boas, enquanto que as motivações más. Hernandez Dias Lopes mostra que Paulo apresenta o “temor” em função do tribunal de Cristo.

## O AMOR DE CRISTO E NOSSO AMOR POR ELE

Ray Stedman diz que a motivação correta para os atos da vida cristã é o amor. Paulo expressa essa verdade no versículo 14, dizendo que o amor de Cristo o constrangeu, o moveu e o motivou. As versões bíblicas traduzem a palavra *sunecho* por “constrange” ou “impulsiona”. Segundo Simon Kistemaker, também pode ser traduzido por “controle”. De todo modo, a ideia expressa não se perde, mesmo que a tradução possa ser abrangente. A ideia é que o amor de Cristo é o que domina, impulsiona e governa as ações. Na parte B do versículo 14 Paulo fala sobre a morte de Cristo, e que nessa morte ele representava a cada um de nós, por conta disso, nós temos participação nessa morte, morremos juntamente com ele, para que também vivêssemos em sua ressurreição.

O versículo 15 causa determinada dúvida e divisão de opiniões entre teólogos, devido a palavra “todos”. Quando Paulo diz que Cristo morreu por todos, ele se referia a todos os crentes ou todas as pessoas individualmente? Essa questão esbarra na doutrina da expiação limitada, que diz que Jesus Cristo não morreu por todos, mas apenas para os eleitos de Deus que viriam a crer. Entretanto, não entraremos nessa discussão aqui! A intenção de Paulo nessa passagem não era gerar nenhum debate teológico, e sim mostrar que uma vez que Cristo morreu por nós, devemos deixar de lado o egoísmo e vivermos para ele, em função dele. Afinal de contas, quem está em Cristo é nova criatura, conforme expresso no versículo 17.

O versículo 18 nos mostra que tudo isso jorra direto de Deus, a fonte de toda graça e amor. Através dele podemos ter uma nova vida, podemos ser reconciliados. O versículo 18 nos ensina que somos reconciliados com Deus através de Cristo, no versículo 19 ele explica melhor e diz que Deus nos confiou essa palavra que deve ser anunciada ao mundo! Deus propiciou o sacrifício que torna possível a reconciliação com Deus, e nós temos o privilégio de sermos portadores dessa notícia. Como portadores dessa notícia somos embaixadores, como exposto no versículo 20.

Paulo finaliza este capítulo com a declaração maravilhosa no versículo 21, falando do efeito do ministério da reconciliação em nós: Nos isenta de toda culpa diante de Deus. Porque Jesus foi culpado em nosso lugar, assim somos declarados justos diante de Deus, porque Jesus tirou toda a nossa culpa. Amém!